

SESSÕES DO PLENÁRIO

52ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 9 de agosto de 2018.

PRESIDENTE: DEPUTADO BIRA CORÔA LULA (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem aos 30 anos da Fundação Balé Folclórico da Bahia, em comemoração ao Agosto da Igualdade, proposta pelo deputado Bira Corôa, mas reservo especialmente esta proposição à nossa secretária Arany Santana, a quem agradeço muito. E convido para fazer parte da nossa Mesa a secretária de Cultura do Estado da Bahia, Arany Santana, que neste ato representa o governador do Estado da Bahia, Rui Costa; convido para compor a nossa Mesa a Sr.^a Presidente da Fundação Balé Folclórico da Bahia, Lúcia Mascarenhas; convido para compor a nossa Mesa o Sr. Diretor do Departamento de Comunicação Social, coronel da PM Valter Menezes, representando neste ato o comandante-geral da Polícia Militar, Coronel Anselmo Brandão; convido para compor a nossa Mesa o Sr. Defensor Rafson Saraiva Ximenes, representando neste ato o defensor público geral, Clériston Cavalcante de Macêdo; convido para compor a nossa Mesa a Sr.^a Cônsul dos Estados Unidos, Heather Marques; com muita satisfação, convido para compor a nossa Mesa o fundador e diretor-geral do Balé Folclórico da Bahia, Vavá Botelho. Em igual proporção, convido para compor a nossa Mesa o Sr. Diretor Artístico do Balé Folclórico da Bahia, José Carlos, nosso tão popular e conhecido Zebrinha; convido para compor a nossa Mesa a Sr.^a Conselheira da Fundação Balé Folclórico da Bahia, Lia Robatto; convido para compor a nossa Mesa... com muita honra, também convidamos a Sr.^a Nilce Botelho, a matriarca de Vavá.

Neste momento, assistiremos a um vídeo sobre o Balé Folclórico da Bahia...

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Assistiremos agora à apresentação do berimbau com Flávio Alexandre.

(Procede-se à apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- No uso da palavra na condição de proponente, me sinto muito contemplado pelo vídeo que aqui foi apresentado, mas não poderia deixar de destacar, numa fala muito curta, alguns aspectos que, para mim, são fundamentais. Primeiro, um agradecimento, um agradecimento muito especial ao Balé Folclórico da Bahia; um agradecimento muito especial a todos e todas que, na trajetória de 30 anos, vêm permitindo a nossa presença nos múltiplos

palcos do planeta, aqueles e aquelas que, na sutileza, na leveza, no gingado do corpo, no ritmo e na nossa forma negra de ser, vêm permitindo que a nossa presença afrodescendente seja marcada no contexto de uma sociedade ainda desigual, no contexto de uma sociedade excludente, no contexto de uma sociedade discriminadora e racista.

Acima de tudo, fazer valer o direito de, com a dança, poder mostrar para a Bahia, para o Brasil e para o mundo que nós existimos. Existimos como negros, existimos como cultura e existimos como humanidade.

Eu não poderia deixar de agradecer por esses 30 anos de perseverança, de história que traz até aqui o início, lá atrás, ainda na condição de um agrupamento que tinha a proposição de apresentar o folclore baiano e que depois se tornou uma verdadeira companhia que tem o reconhecimento que tem hoje – o Balé Folclórico da Bahia. A identidade marcada e destacada no mundo não se dá por acaso e não se dá por gratidão, se dá pelo reconhecimento. É pela identidade e pelo reconhecimento do trabalho, da perfeição e da qualidade do trabalho que o Balé Folclórico da Bahia tem destaque internacional e tem reconhecimento nacional. Por isso, é que me sinto muito honrado de, em nome desta Casa, presidir a Comissão de Promoção da Igualdade desta Casa, de ter sido, posso dizer, confiado para estar indicando esta sessão especial no dia de hoje, ter sido confiado para estar presidindo este ato e ter sido, acima de tudo, destacado para uma tarefa que considero uma das mais nobres que posso estar fazendo no Parlamento, que é dizer parabéns a vocês, especialmente parabéns ao Balé Folclórico da Bahia.

É assim que eu me reponho no dia de hoje. Não vou me alongar muito, mas quero dizer que nos Anais desta Casa, a partir do dia de hoje, entra mais um registro histórico de identidade e de reconhecimento, que são 30 anos de trabalho, de muita luta e de dificuldades – a gente sabe como funciona e como funcionou até aqui – e ainda das barreiras e dificuldades a serem vencidas, mas, acima de tudo, de muita honestidade, integridade, luta e de muito profissionalismo. É assim que eu digo e que me reponho para o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Balé Folclórico do Estado da Bahia.

Em especial, quero, em nome de Vavá e de Zebrinha, dar um forte abraço em todos e todas, não apenas nos dançarinos e dançarinas, mas em todas e todos que compõem o balé, porque às vezes a gente olha os que estão em cima, sobre o palco, e não leva em conta o papel e a contribuição dada por todos aqueles e aquelas que estão pós o palco, aqueles que, no cotidiano, preparam a estrutura para que o evento possa ser desenvolvido.

Queria agradecer a todas e todos, reafirmar, tanto para esta Casa quanto para quem vem de uma origem e que tem na sua concepção política e de formação, o orgulho de ser negro. Eu queria agradecer a vocês por este dia de hoje, mas, em especial, pelos 30 anos e pelos 300 anos que essa companhia deverá vencer daqui para a frente.

Parabéns!

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Concedo a palavra à conselheira da Fundação Balé Folclórico da Bahia, Lia Robatto.

A Sr.^a LIA ROBATTO:- Boa tarde, quero parabenizar o nobre deputado pela excelente iniciativa de valorizar a nossa dança, a nossa arte, a nossa etnia, especialmente o Balé Folclórico da Bahia; agradecer à secretária, Ademir que vem apoiando igualmente. E meus cumprimentos a todas autoridades presentes. Um abraço especial para Vavá e Zebrinha que estão na Mesa.

Eu costumo falar de improviso, porque acho que tem uma comunicação mais forte, mas a minha ligação afetiva com esse balé é tão forte que para não cair na pieguice de muita emoção, de admiração, carinho e tudo isso eu vou ler o que eu escrevi.

Quero, também, cumprimentar a senhora mãe de Walson Botelho, uma senhora magnífica que sem a força dela Vavá não teria realizado tanto. (Palmas)

Eu preciso dizer que eu tenho cumplicidade com esse balé desde antes dele nascer, quando Vavá ainda menino, ainda estava pensando em criar isso junto com Ninho. Então até hoje tenho esse envolvimento.

(Lê) “Quero comemorar o percurso do Balé Folclórico da Bahia que venho acompanhando, desde sua criação, admirando o seu esforço por uma construção de uma companhia profissional, traduzido na prática pelo apuro da sua produção em alto nível técnico e principalmente, de seus produtos artísticos.” Realizar a criação de uma companhia até que é fácil. Agora manter uma companhia por 30 anos, no Brasil, é muito raro. São pouquíssimas as companhias profissionais com essa idade, muito menos na Bahia, muito menos na área específica do Folclore, que aliás é um assunto que tem que ser discutido, porque o Folclore tem sido muito depreciado como gênero, como alma, como hierarquia que a gente tem que derrubar. O Balé Folclórico prova isso: que é uma companhia altamente profissional que transcende a algo que é chamado de Folclore.

(Lê) “A ressonância que suas apresentações provocam no público de qualquer país confirma o inegável prestígio alcançado e consequente conquista de um mercado internacional, tornou o Balé no representante legítimo de nossa terra, com muito orgulho!...” Não é qualquer um consegue, ano após ano, ter o sucesso, porque não é só ir lá e levar, entrar no circuito. Porque tem circuitos, festivais que você consegue ter a brecha, mas ir lá e conquistar as manchetes e críticas especializadas dos melhores jornais do mundo não é para qualquer um. E isso o Balé consegue e é pouco reconhecido e conhecido aqui na Bahia, esse prestígio internacional.

(Lê) “O Balé Folclórico da Bahia constitui um dos mais importantes marcos do patrimônio cultural da Bahia.” O que se fala muito em patrimônio parece chover um pouco no molhado. Todo mundo fala em patrimônio de uma igreja, um museu, de um grande monumento, está aí o professor Chico Sena para confirmar isso, mas poucos falam do patrimônio intangível, do patrimônio efêmero, imaterial que é a dança. E o deputado Brito vem a confirmar essa importância.

(Lê) “Ao longo de 30 anos vem atuando no resgate, manutenção e na recriação de manifestações populares”. É importante falar na recriação, porque existem muitos

grupos amadores, folclóricos no Brasil. Rio Grande do Sul, por exemplo, tem milhares de grupos, todos amadores, todos restritos a uma caixinha do tradicional e o grande mérito deles é a manutenção como museu vivo.

O que o Balé Folclórico e seus coreógrafos fazem é a partir dessa tradição afro-brasileira que não se limita só à cultura da Bahia, eles recriam com uma linguagem contemporânea. E é daí o seu sucesso e a sua força no público.

(Lê) "O Balé tem como princípio recuperar a memória do imaginário simbólico do nosso povo através de espetáculos cênicos inspirados em ritos sagrados, festas comemorativas e práticas cotidianas de trabalho de entretenimento, a partir das mais variadas formas de danças, cantos, ritmos, dramatizações, jogos, brincadeiras entre tantas outras manifestações culturais de origem tradicional, regional. Esta companhia se propõe a recriar e elaborar esteticamente essa rica mistura de semelhanças e diferenças assumindo compromisso de afirmação e difusão da nossa identidade cultural considerando suas origens e seu processo de dinâmica de manutenção e transformação."

O mundo gira e a cultura é dinâmica, sempre se transforma. Então, em trinta anos esse Balé, ele tanto tem a manutenção da tradição, quanto ele vem cada vez alcançando novas coreografias, com novas visões, novos enfoques.

(Lê) "A Bahia é portadora de uma cultura forte, que caracteriza o estado, representativa da nossa mistura étnica. Infelizmente a nossa diversidade aponta também para uma histórica desigualdade social.

Apesar de nossa pobreza ainda não solucionada, a Bahia tem um rico patrimônio a oferecer."

Então, não podemos nos enganar de que pela beleza e da riqueza desse trabalho que o Balé Folclórico oferece para o público representa, também, essa injustiça social que ainda sofremos muito com muito caminho ainda a percorrer para solucionar.

(Lê) "Em qualquer manifestação regional pode se detectar a coexistência de múltiplas culturas numa mesma sociedade". A gente não pode se fechar num clichê, não é? O Brasil não é só do Carnaval, não é do Samba.

(Lê) "Há que contextualizar o ambiente social, político, econômico, e cultural brasileiro onde cada processo cultural se dá, considerando as manifestações ancestrais como uma forma de manutenção de memória coletiva através de relatos simbólicos, um aspecto da história não escrita dos nossos antepassados.

Há, porém, que atender para o perigo de uma padronização das formas simbólicas dessa identidade regional, quando impostas por fatores ilegítimos que visam a exploração de uma 'marca'." A marca da Bahia e esse é o perigo.

(Lê) "O poder político, econômico e tecnológico tende, perigosamente, a gerar a hegemonia de uma cultura, pasteurizando as demais expressões.

O Balé Folclórico da Bahia entende que a cultura que representa contém muitas vertentes e suas manifestações indicam dimensões incomensuráveis das maneiras de simbolizar seu mundo que podem ir de sutis expressões subjetivas a representações coletivas de grande porte." Por exemplo: quando a gente viu o músico tocando no

berimbau o hino ao Sr. do Bonfim isso já me mostra sutilmente, com um único instrumento, que cultura tenho ali. Já tenho a mistura da cultura religiosa católica, o berimbau de origem afro e a apropriação local baiana. Desde um pequeno detalhe se a gente analisar ela contém um mundo ali.

(Lê) “Esta companhia desenvolve uma percepção sensível e um olhar agudo e crítico aos temas abordados, procedendo a releituras e reinterpretações constantes do nosso patrimônio imaterial constituído de um vasto repertório histórico, um rico acervo de bens simbólicos, verdadeiros marcos culturais de uma cultura viva, mutante, expressa de forma intangível, resultado dos saberes e fazeres populares.

Como situar a linha do Balé Folclórico?” É uma pergunta que se faz. Eu lamento muito e só estou vendo aqui um professor da Universidade Federal da Bahia, da Escola de Dança. Não sei se tem mais. Porque é um reduto onde ainda se sente muito desconhecimento do que representa esta companhia. Eu sou professora aposentada da UFBA e acho que a Universidade precisa mergulhar fundo nessa cultura. (Palmas)

(Lê) “Trata-se de arte popular o Bale Folclórico da Bahia? De arte erudita? De dança regional, universal? De dança contemporânea? Ou de produto de entretenimento voltado para o turismo?” É mercado? É produto? É história? Enfim... são perguntas que nós devemos levantar agora.

(Lê) “Qualquer classificação dos produtos artísticos dessa companhia em termos de gênero é questionável, pois requer uma delicada e sensível abordagem pelo fato de seu repertório conter variados traços que necessariamente estão imbricados e presentes numa mesma obra podendo apontar uma coreografia ora com mais ênfase na tradição ora na inovação.

A arte popular e a arte erudita constituem-se em sistemas por vezes com conceitos e práticas diferenciadas...”. Eu vivo isso. O que é o popular, o que é o erudito, por que esta dicotomia? Por que esta tensão? A gente tem que admitir que a forma de produzir, realizar e formar os artistas são diferenciadas. Mas elas convergem para a identidade.

“(...) que requerem uma perspectiva própria e devem ser respeitadas pela sua natureza particular, e, por vezes, são constituídas por uma composição híbrida, que é o caso do Balé. Não se deve comparar essas vertentes culturais como estanques. Aonde se situa a linha divisória entre umas e outras?” Por exemplo, não sei se quem não é íntimo do Balé Folclórico sabe que eles praticam uma técnica corporal estrangeira, o balé clássico, sem nenhum preconceito! Eles fazem com muita disciplina e muito bem feito a aula de balé clássico.

Para orixá precisa de balé clássico? Para dançar orixá no terreiro, claro que não! Mas na hora que você sobe no palco, você está assumindo uma linguagem e tem que dominar o corpo. O domínio do movimento do corpo passa por várias técnicas, incluindo o balé clássico.

(Lê) “Como e quando acontece a separação entre o popular, o erudito e a indústria cultural? São fronteiras flexíveis e difíceis de se identificar...” Então, muita gente despreza o nome Grupo Folclórico, porque acha que é apenas uma mercadoria

vendável. Que seja vendável! Deus queira! A gente quer mais é vender! A gente quer mais é ganhar dinheiro para poder manter esses bailarinos, manter esses artistas, esses cantores, esses músicos, esses técnicos. Tem que vender! Agora, não é baixar a qualidade e criar um clichê banal para vender. É vender aquilo que é bom.

“(...) Portanto, considero que não cabe aqui essa tentativa de agrupar os produtos artísticos do Balé Folclórico numa só categoria. A articulação dos mecanismos da criação das obras dessa companhia, levando em consideração sua autoria na recriação e função profissional, se dá pela identificação de cada manifestação original inspiradora, que remete ao ambiente onde historicamente tem sido produzida e usufruída...”

Estou curiosíssima, pois eu sei que Nildinha está fazendo uma coreografia nova, eu estou louca para ver. Zebrinha disse que vai apresentar também uma coreografia. Não, não vai? Já apresentou? Não, pelo amor de Deus, não! (Risos) O medo do compromisso. Nós, artistas, morremos de medo! (Risos)

Mas, enfim, a companhia vai fazer 30 anos com, certamente, o *Afixerê*, que já citei aqui, de Rosângela Silvestre, que é maravilhosa; e as novas coreografias de Durval, de Nildinha e sei lá quem mais vai haver. Então, estou aqui curiosa para ver essa dinâmica dessa mudança, dessas coisas.

“(...) Quero louvar Walson Botelho e sua equipe de professores e coreógrafos, em especial Zebrinha e Nildinha pela preparação contínua do domínio dos movimentos e pelo aperfeiçoamento da qualidade técnica e interpretativa de sucessivos elencos de dançarinos. Sendo que, muitos deles, hoje, têm uma importante carreira em outras companhias internacionais...” Não se vocês sabem, o Balé Folclórico, além disso, faz um trabalho social discretíssimo, *low profile*, que não é divulgado tanto. Ele forma meninos em situação de fragilidade social, meninos que não têm condições de frequentar as academias particulares de dança, que dificilmente chegariam sozinhos até uma escola formal ou a uma universidade. Desses meninos que eles pegam do nada, meninos zero, em branco, sem nenhuma experiência em dança, formam bailarinos profissionais, que hoje estão pela Europa da vida.

“(...) Quero ainda louvar toda a companhia pela tenacidade em conquistar o reconhecimento de público, da crítica e dos apoios e patrocínios que garantiram esse percurso de sucesso.”

Obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE:- Concedo a palavra a Zebrinha.

O Sr. ZEBRINHA:- Motumbá, meus mais velhos; motumbá, meus mais novos, a bênção para quem é de bênção... não citarei todos os nomes da mesa, senão ficará muito longo, espero que o meu discurso também seja curto.

O Balé Folclórico da Bahia, para mim, é o meu corpo político. Eu trabalho em duas companhias de arte negra: o Bando de Teatro Olodum, que é a minha voz política; e o Balé Folclórico, que é o meu corpo político.

Eu vim aqui somente agradecer, muito rápido. Eu queria, antes de começar a agradecer... Nildinha Fonseca, se levante, porque no Brasil existem várias dançarinas, vários dançarinos, vários artistas, mas nenhuma como você. (Palmas)

Queria também agradecer, dentro do grupo, aos meus mais velhos. Na realidade, quando cheguei ao Balé, essas pessoas estavam lá sendo o alicerce dessa companhia, que se tornou uma das coisas mais importantes da minha vida: Rosemeire Soares, muito obrigado, Rose; Cainana; José Ricardo, diretor musical; Alcides Moraes; Joel Santos. (Palmas) Esses são os meus mais velhos.

Queria também agradecer a uma pessoa que é crucial dentro desse processo – na realidade, atrás das coxias –, que é o Ayrton Senna, Carlos. (Palmas) Ele é quem cuida da gente. Estou citando essas pessoas... Dora, Lúcia, que eu me esqueci, minha gata, obrigada. Estou citando essas pessoas, não porque são as mais importantes, mas porque eles são o alicerce do Balé Folclórico da Bahia. Desde que eu cheguei, essas pessoas estão ali todos os dias me ajudando e ajudando a Vavá. Cada uma na sua especialidade, não é tia Rose? Quando eu travo com um aluno, vem a tia Rose e faz: “Não, venha cá, ele está querendo o seu bem. Zebrinha quando te aponta o dedo, na realidade, ele está te mostrando as estrelas”. Não é assim, Rose? Por isso, eu te agradeço muito.

Agradeço também a todos aqueles que têm a confiança, porque esses meninos chegam a nossa companhia e, às vezes, é a sua última alternativa...

Conhecemos o nosso país, a escola não fornece régua e compasso para ninguém. É o que a escola pública não... Quando esse adolescente chega até nós, talvez seja sua última alternativa. Então, nós temos a responsabilidade de pensar no futuro dessas pessoas e de projetar essas pessoas para daqui a 10 anos. Esse é o trabalho que nós fazemos.

Uma outra coisa que eu queria explicar: o trabalho social que nós fazemos é muito *sui generis*. A partir daquele momento em que uma pessoa adentra a nossa porta, ele não é mais carente de nada. (Palmas) Porque carente, neste país, são esses políticos que são carentes de vergonha na cara, certo? Somente. (Palmas)

Por fim, queria agradecer àqueles que em espírito estão aqui, que passaram por aqui, e já foram. Queria prestar uma homenagem enorme a Reinaldo Pepe (palmas), até hoje ele é o nosso guia, a sua luz está conosco; e todos aqueles que se foram e continuam pensando no Balé Folclórico da Bahia, continuam iluminando os nossos caminhos.

E por fim, eu queria dar um abraço no meu amigo, meu irmão, no cara que me serve de exemplo, não só para mim, mas para todos, é um cara que é de Oxalá – dizem que Ogum abre caminho, e Oxalá fecha. Não, Ogum abre caminho, e Oxalá continua abrindo. (Palmas) Queria te agradecer enormemente, acho que isso nós fazemos todos os dias, nós nos agradecemos todos os dias, a cada abraço, a cada piada, a cada mensagem de *WhatsApp*, a cada comida, a cada restaurante, a cada aniversário, acho que a gente se agradece todos os dias.

Mas eu queria aqui reiterar que, velho, e acho que você além de me ensinar a trilhar esse caminho árduo... Às vezes a gente não acredita no que faz, não acredita,

mas você sempre acredita. Esse é o cara que sempre acredita. Se o Balé Folclórico da Bahia existe, se a arte nesta Bahia existe, acho que o Balé Folclórico é o maior representante dela. Muito obrigado, Vavá, de verdade! Ainda vou dizer: “Eu te amo, Vavá!” (Palmas)

Obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Queria solicitar a Lindinalva que possa nos ajudar aqui também, registrando algumas das presenças.

A Sr.^a Lindinalva:- Boa tarde a todas e a todos, a gente agradece e registra algumas presenças: Sr. Pedro Cruz, presidente da Associação de Moradores de Palmares; Sr.^a Eliana Dias, do Instituto de Cegos da Bahia; Edmilson Lopes, coordenador de articulação da Funceb; Carla Laudari, coreógrafa; Márcia Reis, advogada do Balé; Bianca Matos, advogada também do Balé Folclórico; Jairo Santana, técnico de palco do Balé Folclórico; Sr. Edmilson Neves, diretor do Bloco Afro Ilê Aiyê; Ivanildo Antônio, poeta, diretor do Teatro da Solidão Solidária; Gerson Moreira, artista plástico; professora Gisele, da Funceb; Ângela Guimarães, presidente da Unegro – União de Negros pela Igualdade –, fazendo também 30 anos de movimento; Luciana, coordenadora de Fomento ao Artesanato da Bahia; Norma Freitas, administradora do Balé Folclórico da Bahia; Francisco Sena, assessor da Presidência do Tribunal de Contas dos Municípios; aos alunos e alunas do Colégio Estadual Henriqueta Martins Catharino, do Engenho Velho da Federação, nossos agradecimentos, e obrigada pela parceria com a professora Ana Karina e as funcionárias Rose, família e Bárbara; o vereador Edvaldo Brito não pôde comparecer, ele manda as felicitações e o representante, Sr. Carlos Henrique Souza. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Aproveito também para registrar que Ivanildo Antônio, também neste ato, representa o ex-comandante geral da Polícia Militar, Coronel Castro. (Palmas)

Quero, neste exato momento, conceder a palavra ao fundador e diretor geral do Balé Folclórico da Bahia, Vavá Botelho.

O Sr. VAVÁ BOTELHO:- Boa tarde a todos. Eu não costumo escrever as coisas; porque, na maioria das vezes, eu esqueço os óculos, então eu não consigo ler de qualquer maneira. (Risos)

Por mais que o Balé Folclórico chegue aos 300 anos, com tanto creme que eu uso, a Lâncome me ajuda, eu espero estar lá. Com tanto creme que eu uso na cara desde os 16 anos, eu espero, em 300 anos, ainda estar, no mínimo, por trás dos bastidores. Mas o que eu gostaria de dizer a princípio é que é uma honra muito grande poder estar aqui; agradecer ao deputado Bira Corôa por ter tido essa iniciativa de nos homenagear; agradecer a todos que estão presentes aqui na Mesa e dizer, Bira, que, nesses 30 anos, você foi, talvez, um dos poucos políticos que se lembrou da gente. (Palmas). Nós temos raras exceções mesmo, como o Paulo Gaudenzi, como Rodolfo Tourinho, o governador Paulo Souto, o governador Jaques Wagner. O professor Edvaldo Brito, na verdade, antes de ser político, já prestigiava a gente, foi o

grande pensador, o grande instituidor da nossa fundação Balé Folclórico da Bahia, foi iniciativa dele, foi vontade dele transformar o Balé Folclórico da Bahia, que era uma companhia de dança somente, era uma empresa privada, numa fundação. Mas, mesmo depois de ter sido eleito e ter ocupado cargos políticos, ele continuou nos prestigiando e continua até hoje, continua sendo a nossa base, o nosso grande apoio.

Então, Bira, você, como eu disse, foi um dos poucos políticos a nos prestigiar. E isso eu coloco sempre, porque a gente colocou, nesses 30 anos, o nome da Bahia no mundo. A gente já leva o nome da Bahia no próprio nome da companhia. É diferente de grupos de dança, de grupos de teatro que levam o nome do dono do seu grupo, de nomes que são criados para isso, a gente já leva o nome do nosso estado no próprio nome da companhia.

Então, centenas de pessoas, isso eu digo a vocês, centenas de pessoas, talvez até milhares de pessoas, vieram ao Brasil e vieram à Bahia por causa do Balé Folclórico da Bahia. Elas se interessaram em conhecer o Brasil, em conhecer a Bahia, por assistirem ao Balé Folclórico da Bahia. (Palmas) Uma vez o Xavier Veciana, que também é conselheiro nosso na fundação, que foi um dos fundadores e diretor de um dos hotéis de Costa do Sauípe, me ligou para me dizer que estava com um grupo grande de holandeses no hotel e que achou estranho porque o turismo holandês no Brasil é raríssimo. Na Bahia, mais raro ainda. Em Costa do Sauípe, tão distante de Salvador, pior ainda.

Ele, um homem da área de hotelaria há muitos anos, ficou curioso e foi perguntar ao grupo de mais de 50 pessoas porque eles estavam aqui em Salvador, o que despertou o interesse por Salvador. E eles disseram que vieram à Bahia – não vieram ao Brasil, vieram à Bahia, vieram a Salvador – por causa do Balé Folclórico da Bahia, numa turnê que nós tínhamos feito um ano antes na Europa. Fizemos um mês, se não me engano, 10 ou 15 cidades na Holanda. E eles tiveram interesse em conhecer a Bahia por causa do nosso espetáculo.

Então, isso acontece há 30 anos. Nós somos tese de mestrado e doutorado no mundo inteiro. Nós recebemos uma quantidade muito grande de pesquisadores do mundo inteiro que vêm aqui para estudar o Balé Folclórico da Bahia e fazem suas teses de mestrado e doutorado, de pós-doutorado em cima do nosso trabalho.

Então, Zebrinha já colocou aqui muito bem o trabalho que a gente faz. Lia também, da forma como a gente trabalha. Com Lia eu tive a oportunidade de trabalhar antes do Balé Folclórico da Bahia existir, como ela mesmo disse. Ela é uma grande mestra, da mesma forma que Emília Biancardi foi no início, a minha mestra, quem me orientou, quem me deu inspiração para dar continuidade ao trabalho do Viva Bahia, do qual ela era diretora, fundadora. E com Lia eu tive a oportunidade de trabalhar na Fundação Cultural, juntamente também a Lucinha, que depois dirigiu o Departamento de Música, o de Artes Cênicas e o de Dança. Lia dirigiu o Departamento de Música, o de Artes Cênicas e depois o Balé do Teatro Castro Alves. Eu trabalhei em todos os lugares com as duas. Lia me convidou para dirigir e ser coordenador de dança da Fundação Cultural, que eu fui durante um período também.

Essa semana, anteontem, no dia 7, que foi o dia oficial do aniversário do balé, eu estava falando com ela que nenhuma das coreografias, das mais de 20 que já montamos, nenhuma delas foi feita sem o aval de Lia. Nunca! Todas as montagens coreográficas passam pela mão dela, seja lá quem for o coreógrafo. É ela quem dá o aval final: “Está bom. Não está bom”. Então, dinâmica de espetáculo, eu falo muito disso. Durante os nossos ensaios, durante as aulas, durante os trabalhos de montagem, eu digo: “Pensem no gráfico”. A gente tem que pensar como o espetáculo começa, como ele vai e como ele termina. Se a gente quer que o espetáculo comece suave, se ele vai subir até o seu ápice, se ele vai descer depois e acabar suave. Ou seja, cada trabalho artístico tem um gráfico que a gente traça. E isso eu aprendi muito com ela.

Eu me lembro muito bem de quando a gente fez a puxada de rede, que tem Iemanjá que abre a saia e vira um barco, lembrei muito de Lia quando estávamos fazendo a montagem de Sertania, um grupo que ela criou na Fundação Cultural. Eu fiz parte no início; depois, graças a Deus, não dei certo como dançarino, para esse trabalho, e ela me convidou para fazer a produção. Foi o meu primeiro trabalho de produção.

Foi a partir daí que eu entrei nessa área de produção e na área administrativa. Porque até então eu só queria ser bailarino, eu só queria estar, dentro da área artística, em cima de um palco. E foi Lia quem me chamou, porque as audições internas foram acontecendo, eu cheguei até a última etapa. Mas na última etapa realmente eu não tinha como passar, porque só havia os “bam-bam-bans” da dança da Bahia naquela época. E eu tinha total ciência disso. Não ia, de maneira nenhuma, achar que eu era maravilhoso.

Essa nossa convivência fez com que ela descobrisse esse meu talento para a administração, para produção e me convidasse para fazer a produção. Lembro que tinha uma comemoração muito grande na Bahia. E o Banco Econômico, na época, estava patrocinando tudo, porque era uma comemoração grande na Bahia. O Banco Econômico, um banco baiano que existia naquela época, patrocinava tudo.

Eu conversei com o professor Edvaldo Brito e ele disse: “Procure o presidente do banco em meu nome.” Porque nós precisávamos de um patrocínio. A gente tinha que estreitar o trabalho e tínhamos uma turnê fora daqui da Bahia, no sul do país. E eu não tinha a menor ideia do que é que se fazia com um pedaço de papel cheio de número na mão. Os valores que a gente precisava. E eu fui até o presidente do banco, sentei com ele, ele ficou olhando para mim e disse: “Qual é o valor?” Eu disse: “O valor é esse.” Ele disse: “O.k., a partir de amanhã você procura tal pessoa, no departamento financeiro, o projeto está aprovado. E está o.k.” Eu não sabia se aquilo já era a palavra final, se já tinha terminado a conversa ali, se eu tinha que conversar tudo de novo. Eu não tinha ideia de que eu tinha conseguido o patrocínio total para montar o espetáculo inteiro da forma que a gente pensava.

Aí liguei para Lia, talvez de um telefone público, porque há tanto tempo não tinha celular, liguei para ela e dei a notícia: “Lia, a gente conseguiu.” Ela disse: “Conseguiu o quê?” Eu disse: “Conseguimos o patrocínio inteiro para montar o espetáculo inteiro da forma que a gente pensava.

E, aí, eu liguei para Lia, talvez de um telefone público, porque tanto tempo atrás não tinha celular. Liguei para ela e dei a notícia:

–Lia, a gente conseguiu.

–Conseguiu o quê?

–Conseguimos o patrocínio inteiro para montar tudo.

–Não é possível! Você conseguiu isso?

–Consegui isso!

–Você é o produtor dessa terra.

Foi aí que eu fui entender o trabalho que eu tinha feito, como tinha sido feito. Foi aí que eu encarei, realmente, essa história de administrar, de produzir, de estar à frente de um trabalho artístico.

Então, aí a gente começou a nossa parceria lá, na Fundação Cultural. Lucinha que era colega nossa lá, na Fundação, também. E Lucinha e Arany foram... antes de ser presidente da Fundação Balé Folclórico, Lucinha – e Arany, de ser secretária – é atriz, dançarina, foi colega minha de palco no meu segundo trabalho profissional, 17 anos eu tinha na época. Não vou dizer quanto você tinha, não. Você fazia um papel mais novo que eu, isso eu posso dizer. Lucinha era dançarina também, a gente dançava, nós éramos *partners* na época. Arany, também.

E fizemos um espetáculo que fez turnê no Brasil, e o maior sucesso: Baile Pastoril da Bahia, dirigido por Ticão. Foi o maior sucesso. Direção musical de Emília Biancardi. E foi aí que Emília Biancardi, do Viva Bahia, me conheceu. E foi assim que tudo começou.

Emília, ao terminar o espetáculo Baile Pastoril, me convidou para fazer um teste, porque ela gostou muito da minha voz, que era um musical. Eu cantava, dançava, atuava. E ela me convidou para fazer um teste porque o grupo Viva Bahia iria fazer uma turnê no Caribe e ela precisava de alguém cantando no grupo. Então, ela me convidou para fazer esse teste.

Só que, voltando aí quase 10 anos antes disso, deixe em suspense essa parte. Voltando esse tempo aí, quando eu tinha 10 anos de idade, fazendo curso para o exame de Admissão, que, naquele tempo, a gente fazia para entrar na 1ª série do Ginásio... a gente fazia até o 5º ano, fazia o exame de Admissão como se fosse um vestibular e entrava no 1º ano do Ginásio, que hoje é a 5ª série.

Então, eu ia sempre para o curso da professora Claudemira, na Saúde, porque eu ia prestar o exame para o Colégio de Aplicação – que era o mais conceituado, o mais *top* colégio público –, da Universidade Federal. Mas era assim: eram 3 mil candidatos para 30 vagas por ano, somente. Então, eu optei, no caso, minha mãe que fez a opção, porque eu não tinha a menor ideia do que era o Aplicação, de que eu parasse de estudar durante 1 ano para me dedicar 1 ano a um curso especializado para o exame. Era como se fosse um pré-vestibular para o exame do Aplicação. E eu fiquei 1 ano estudando.

E como eu chegava sempre cedo na casa da professora, eu ficava assistindo à televisão, o *Jornal Hoje*, ao meio-dia. O curso começava 1 hora da tarde. E, num

desses dias, eu assistindo à televisão, vi uma reportagem com um grupo folclórico, um grupo artístico – eu não sabia o que era grupo folclórico na época. O grupo artístico iria fazer uma viagem, uma turnê pela Europa.

Então, havia uma pessoa dando entrevista, uma mulher dando entrevista, e um dançarino que saía de dentro de uma moita. Era no Parque da Cidade, era, praticamente, a inauguração do Parque da Cidade, na Pituba. E um bailarino saía de dentro daquela moita dançando, parecia um Oxóssi, um índio, alguma coisa assim. E aquilo me deixou completamente zozinho, completamente enlouquecido com aquela imagem. Eu nunca tinha visto uma coisa daquela. Então, eu me fixei naquela imagem. Eu disse: um dia eu quero estar dentro disso. Não é fazer parte disso, ser isso, é estar dentro disso. Eu não sabia o que era aquilo.

Então, passou, eu entrei para o Aplicação. No Aplicação, eu tive aulas de teatro, de dança. O Aplicação era uma escola completa, tive aula de todas as técnicas de dança, de teatro, enfim, de tudo.

E escrevi um espetáculo que ganhou prêmios dentro do circuito colegial, depois, do intermunicipal; uma peça de teatro dirigida e escrita por mim, coreografada por mim. Ganhamos todos os prêmios com esse espetáculo: melhor ator – que era do meu espetáculo – melhor atriz, cenografia, figurino, tudo, tudo, tudo. Ganhamos os prêmios em todos os festivais em que nós nos inscrevemos.

E fui convidado por Deolindo Checcucci, um grande diretor de teatro, aqui, para fazer um teste num espetáculo que iria ser montado, aqui, em 78, chamado Boca do Inferno, comemorando a grande abertura política que estava acontecendo naquela época. E eu participei desse espetáculo numa época em que a gente ensaiava 6 meses para ficar em cartaz durante um fim de semana, porque só existiam o Teatro Castro Alves e o Vila Velha. Então, a gente ensaiava 6 meses e ficava um sábado e um domingo em cartaz. Não tinha teatro na cidade nem público para isso. E o Boca do Inferno foi um fenômeno, porque... a gente não achou teatro, começa daí, e um circo que estava no estacionamento dos Barris, ali no São Raimundo, era um circo desses comuns, não teve dinheiro para pagar os impostos à prefeitura na hora de sair, de ir embora, e a prefeitura prendeu a lona. Então, se teve a ideia de fazer o espetáculo ali, naquele circo. E nós fizemos o espetáculo ali, ficamos 3 meses em cartaz, de terça a domingo. De terça a domingo, 3 meses em cartaz. O verão inteiro, inteiro. Foi um fenômeno, aquilo foi um fenômeno.

Maria Bethânia assistiu a gente umas dez vezes. Milton Nascimento... eu tive a oportunidade de conviver com Milton Nascimento no dia a dia, com Elis Regina, com Clara Nunes, com Alcione, com Elba Ramalho, com Maria Bethânia, com Gal Costa, com Caetano, com Gil, com Tom Jobim, com Vinícius de Moraes, vivia na casa dele com Gesse, os 3 meses eu, praticamente, vivi ali. Eu vi composições de Milton Nascimento sendo feitas na minha frente, comendo feijoada com ele. Isso tudo com 17 anos, assim, entendendo o mundo.

E, aí, veio, depois, o Baile Pastoril da Bahia, quando Emília Biancardi dirigiu e me convidou. Aí, a gente volta agora já para o futuro. E Emília Biancardi me convidou para fazer esse teste. Eu fui. Quando eu cheguei na casa dela, em Nazaré,

que ela abriu a porta da sala... são essas salas que você abre a porta e que você não entra direto na sala, tem uma parede sempre, como se fosse um biombo, você desvia para você entrar na sala. Quando ela abriu a porta, essa parede era um pôster, como se fosse uma plotagem, na parede inteira, de 2 metros e tanto, com uma foto exatamente desse dançarino que vi aos 10 anos de idade, no Parque da Cidade. Porque o pôster da viagem, da turnê, tinha sido a foto desse dançarino que eu vi aos 10 anos de idade, no Parque da Cidade, porque o pôster da viagem, da turnê tinha sido a foto desse dançarino, que era Ninho Reis. E aí quando eu olhei aquela foto, eu disse não é possível que 10 anos depois eu esteja aqui vendo uma cena dessa na minha frente. E foi assim que eu entrei no Viva Bahia, Emília me convidou, passei no teste e fizemos a primeira turnê, a minha primeira turnê internacional já no Viva Bahia, um mês e pouco já estava viajando, era de menor ainda, então tive que ter todo aquele trâmite de autorização dos pais e tudo mais, e fizemos a autorização.

Estava falando com Zebrinha hoje. Essa turnê teve dona Ivone Lara, Zebrinha está no Rio essa temporada, ele está coreografando um musical sobre a vida de dona Ivone Lara, que estreia agora em setembro no Rio. Eu perguntei para eles: vocês botaram a cena de dona Ivone Lara em que ela perdeu todas as roupas no Caribe e que fui eu que fui comprar com ela o pano para ela fazer as roupas da turnê? Porque ela ficou sem uma roupa durante a turnê inteira. Nunca apareceu a mala de dona Ivone Lara e fui eu que fui comprar com ela, escolher tecido para a gente poder costurar às pressas para fazer as roupas, para ela poder fazer a turnê no Caribe, junto com o Viva Bahia. Fiquei 5 anos, 6 anos no Viva Bahia. Quando o Viva Bahia terminou, eu sai do Viva Bahia porque precisava terminar a minha faculdade em antropologia, eu já estava há quase 7 anos na faculdade, já tinha sido comunicado que ia ser expulso, jubilado, e aí tive que optar. Então larguei o Viva Bahia por 1 ano, que era o que iria acontecer, eu preciso de 1 ano para terminar o curso, deixei o Viva Bahia para terminar a faculdade e voltar para o Viva Bahia. Só que nesse 1 ano o Viva Bahia acabou, em 1985 acabou.

Então quando sai do Viva Bahia não existia mais o grupo, não tinha mais nenhuma outra opção, eu trabalhava na Fundação Cultural com Lia, com Dulcinha, com Nilson Mendes, e fui para o Balé do Teatro Castro Alves e foi assim que as coisas começaram a aparecer na minha cabeça. Ninho Reis que foi colega meu e continuava no Viva Bahia, fomos colegas durante esses anos todos no Viva Bahia, dançamos o viajamos o mundo inteiro. Ninho tinha isso morar no Canadá quando o Viva Bahia acabou. E voltou em 87, e em 87 eu recebi um telefonema de Vilhena Costa, que na época era diretora do cartão Credicard aqui na Bahia, e me convidando para fazer uma apresentação para o cartão que iria fazer uma convenção mundial, e o presidente mundial estaria aqui em Salvador. Ela me ligou ainda achando que eu era do Viva Bahia ou que o Viva Bahia existia. E eu disse que não tinha mais, não existia mais. Ela disse: você tem algum grupo para indicar? Eu disse que não. Não tenho nenhum grupo, não conheço ninguém que esteja fazendo um trabalho no nível que você precisa e como o Viva Bahia tinha. Então ela disse: e se ele fizer a proposta para você criar um grupo nem que seja para esse trabalho. Você cria o grupo e depois você faz o que você quiser. Eu disse: pode ser. Ela disse: se não for assim, eu não vou fazer

show folclórico, prefiro fazer qualquer outra coisa, mas só confio em você pelo seu trabalho com o Viva Bahia.

Então, ela disse: “E se ele fizer a proposta para você criar um grupo nem que seja para esse trabalho? Você cria o grupo e depois você faz o que você quiser”. Eu falei: “Pode ser”. E ela: “Se não for assim, eu não vou fazer show folclórico, eu prefiro fazer qualquer outra coisa, mas eu só confio em você, certo? Pelo seu trabalho com o Viva a Bahia. Se o Viva Bahia não existe mais, só você seria capaz de fazer isso para uma convenção como a gente precisa”.

Eu topei fazer esse trabalho junto com Terezinha, Mãe Obá, que não pode vir hoje, está adoentada, que estaria, inclusive, compondo a Mesa aqui com a gente, que já trabalhava comigo como assistente minha. Eu convidei, então, Obá para, em uma semana, a gente montar o figurino e estruturar o grupo. Eu pedi emprestado ao meu pai de santo os atabaques, Mãe Obá também emprestou alguns instrumentos do terreiro dela, pegamos... Ninho deu algumas coisas, costuramos durante uma semana, bordamos.

O primeiro show seria experimental, ainda não se pensava em Balé Folclórico. Isso foi setembro de 87 e fizemos o trabalho no antigo Hotel Méridien, no Rio Vermelho, que foi um sucesso. A partir daí a gente começou a manter as pessoas que nós convidamos naquela época para fazer parte desse primeiro trabalho, ficamos durante um ano trabalhando com essas pessoas. A gente tinha de 15 a 20 pessoas nesse trabalho e em 3 meses nós tínhamos 300 pessoas na sala de aula, praticamente, fazendo aulas aos sábados e domingos no Teatro Castro Alves.

O balé começou a ser estruturado assim, até que em maio de 88, o Festival de Joinville, comemorando 100 anos da abolição, convidou o Balé do Teatro Castro Alves, na época eu fazia parte, para abrir o Festival de Joinville. O Balé montou uma coreografia especial para a abertura e o produtor do Festival de Joinville me perguntou se eu conhecia algum grupo folclórico aqui na Bahia que pudesse mostrar o lado tradicional, porque todos os grupos que iriam participar do festival de balé clássico e dança moderna, iriam homenagear os 100 anos da abolição, mas todos com uma linguagem diferente e não uma linguagem autêntica e tradicional da dança afro, da dança folclórica baiana. Eu disse: “Olha, eu tenho um trabalho, eu tenho um grupo amador, que não tem nome, não tem nada e a gente faz trabalhos para ganhar dinheiro somente. Eu como parte da direção do Balé do Castro Alves, não fica nem ético da minha parte estar dizendo isso, mas eu tenho esse grupo e se você quiser...” Ele disse: “Queremos! Mande o material.” E eu: “Que material que a gente tem? A gente não tem nada! Não tem fotos, nem nada...” Ele: “Mande o release!” Eu disse: “Não tem release, não tem nada!” Aí ele falou: “Tem nome o grupo?” Eu disse: “Nem nome tem.” Ele: “Mas tem que criar! Como é que eu vou convidar um grupo em um programa que não tem nome?” Eu: “Então, bote Balé Folclórico da Bahia e depois eu vejo como é que a gente faz. Bote esse nome. Pode ser?” E ele: “Pode.” E foi assim que o nome foi colocado, batizado, isso em maio de 88.

Fomos ao festival, que foi o maior sucesso. Foi o maior sucesso. Tem aqui Rose, que estava presente, Cainana também, que foi do primeiro elenco do Balé, foram as duas mais... não vou dizer mais antiga... O que que a gente diz numa hora

dessa? Pioneira, percussoras... Nildinha, que entrou poucos meses depois, Zé Ricardo, Alcides, Joel, Dora, e fizemos... Foi o maior sucesso.

Voltamos em julho de 88 consagradíssimos no Brasil inteiro já. Matéria de todos os jornais do país, como um grupo revelação e encerrando o *Fantástico*, o *Jornal Nacional*, realmente foi um sucesso grande. Foi daí que eu cheguei com Ninho aqui em Salvador, 15 dias antes do dia 7 de agosto de 1988, eu disse: Ninho e aí, e agora? O que a gente faz? Vai ou não vai? Tem coragem ou não tem coragem? Porque a gente não tinha coragem, não, a gente tinha um medo da língua do povo. Um medo do povo meter o pau na gente aqui, de dizer que a gente queria tomar o lugar do Via Bahia, de que queria tomar o lugar de Lílían, o respeito evidentemente.

A gente tinha muito medo de ainda querer botar um nome, porque no início não foi fácil. O povo caiu de pau em cima da gente: “Balé Folclórico da Bahia? Como se fosse o dono da Bahia”. Eu botei esse nome despretensiosamente, mas a gente teve muita crítica aqui por causa disso, porque o povo disse que a gente estava se achando dono da terra. Eu disse: “E aí? A gente faz ou não faz? Vai ou não vai?” E ele: “Vamos!” E eu: “Então vamos”. Em 15 dias eu já tinha experiência de produção, eu já sabia tudo de administração.

Fui ao Hotel Méridien onde a gente tinha feito um show em setembro de 87. Fui aos amigos Enrico Allatta, a Walter Kraus, a todos aqueles que eu conhecia e pedi tudo de graça. A Transbrasil deu passagens para jornalistas de fora, o Méridien deu hospedagem, deu coquetel, Walter Kraus fez a parte de impressão e filmagem, Enrico Allatta deu iluminação, Nicolau deu o som. E assim a gente fez o lançamento do Balé num dia de domingo numa tempestade terrível no dia 7 de agosto de 1988, às 18h no Hotel Méridien, e foi assim que foi lançado o Balé.

Então, praticamente, ninguém conhece essa história detalhadamente. Tem muito mais coisa, muito mais coisa, muito mais história. Zebrinha quando entrou no Balé em 92 ele... a gente se conheceu em 91, Zebrinha já era um mito desta terra, o mito, o bailarino baiano que deu certo no mundo, que era famoso no mundo.

Ele chegou em 91, assistiu o Balé e veio conversar comigo, disse que achou lindo, maravilhoso. Nós ensaiávamos sábados e domingos no Teatro Castro Alves como eu falei e sempre fomos rígidos, disciplinados desde lá, desde quando o Balé nem era tudo isso. Zebrinha se ofereceu para dar aula, a aula começava às 13h30min, então as pessoas chegavam cedo desciam a aula começava às 13h30min.

Ele chegou num jipe, com um cabelo que tinha quantas mil tranças? Ele contava, eram não sei quantas mil tranças que batiam aqui..., um cachorro da língua azul, um chow-chow da língua azul, um short jeans todo rasgado cá em cima, uma camiseta aqui..., segurando o cachorro pela coleira, com uma coleira de *strass*. Chegou, saltou do carro, deu a volta no carro, isso! Vinte para as 2h, 20 minutos de atraso. Aí, entrou, sentou comigo na balaustrada ali do fundo do Teatro Castro Alves e conversou, e conversou e conversou. Perguntou: “Cadê o povo não vai chegar não? Eu disse: “Já estão em aula desde uma e meia.” E ele: “Como? E não me esperaram?” Eu respondi: “Aqui a gente tem horário, aqui a gente tem disciplina, 13h30min

começou a aula, você não chegou, nós começamos.” Ele pegou o cachorro, deu a volta no jipe e foi embora.

A gente só foi se falar meses depois, porque ele voltou para Europa. Ele resolveu um ano depois, voltou em 92, e nós viajamos, foi a nossa primeira viagem com a Bahiatura. Ainda não foi uma turnê do Balé, foi a primeira viagem em 92 com a Bahiatura para a Alemanha.

Ele veio já definitivamente para morar aqui na Bahia e se ofereceu para ficar com o grupo, porque nós não podíamos levar o Balé todo, eram somente 15 pessoas. Zebrinha ficou tomando conta do grupo aqui, foi assim que ele entrou no Balé em 92. Depois, fizemos uma outra viagem, ele também ficou tomando conta, até que em 93 fizemos um espetáculo aqui, um grande espetáculo no Teatro Castro Alves, e eu dei a ele o título de diretor artístico, sem ele saber.

Ele estava lendo o programa do espetáculo, e quando olhou disse: “Eu sou diretor artístico?” Eu disse: “É, você não sabia, não? É, você é o diretor artístico.” Ele: “Ah! Eu não sabia, não. Muito obrigado.”

Isso é um pouco da nossa história, tem muito mais coisa. Temos um livro que foi publicado recentemente, que tem bastantes casos da minha vida e do Balé.

Quero, mais uma vez, agradecer ao Bira por esta oportunidade, a todas as colegas aqui, a Lia, a Lucinha, a Heather do Consulado dos Estados Unidos, que desde a nossa primeira turnê nos Estados Unidos... Foram 12 turnês, com mais de 280 cidades feitas naquele país, só temos 10 cidades no Brasil em 30 anos. No país dela, são mais de 280 cidades já feitas, só no New York Times são mais de 10, 15 páginas inteiras.

Eu estava falando com Eliana, que na nossa última turnê nos Estados Unidos a matéria de página inteira, de capa do *New York Times* foi: “Quando o Balé Folclórico da Bahia aporta em Nova York, é tempo de festa.” Então, são dezenas de matérias no *New York Times*, no *The Washington Post*, no *Boston Globe*, no *Boston Herald*, no *Los Angeles Times*. Enfim, em todos os jornais americanos nós temos matéria de página inteira. No jornal da Austrália tem a manchete: “Se você nunca teve a oportunidade de chegar na boca de um vulcão, nunca queira fazer isso, mas, vá ao Balé Folclórico da Bahia, porque a sensação é a mesma.” (Palmas)

Muito obrigado.

Quero, antes de terminar, só oferecer este nosso livro que foi publicado em comemoração aos 25 anos do Balé Folclórico. É um livro de fotos, que conta a história do Balé nesses 25 anos, quando ele foi editado, com textos de Gustavo Falcón, de Ernesto, de Lia Robatto também.

Já me disseram que este livro aqui é uma universidade. Aqui está a história da dança na humanidade, desde os textos de Gustavo Falcón falando do homem na pré-história dançando, de como essa dança se espalha pelo mundo, de como as danças africana e portuguesa chegaram ao Brasil, de como elas se misturaram.

Depois, temos o texto de Lia sobre a dança brasileira, um texto meu contando essas histórias do Balé Folclórico da Bahia e as nossas andanças.

Tem também aqui uma proclamação do governo americano declarando o 1º e 2 de novembro como o Balé Folclórico da Bahia Day, Dia do Balé Folclórico da Bahia. Também tem uma foto dessa proclamação, que é uma honra muito grande para a gente, um documento extremamente importante, enfim, aqui tem toda a história. Fotos, fotos, fotos do nosso primeiro espetáculo em Joinville, esse que nós fomos, enfim, tem tudo registrado nesse livro.

Eu gostaria de oferecer ao deputado, meu amigo Bira, esse livro. (Palmas)

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Concedo a palavra, para uma breve saudação, ao defensor Rafson. (Palmas.)

O Sr. RAFSON XIMENES:- Boa tarde a todas, boa tarde a todos.

Deputado Bira, agradeço pelo convite para participar deste evento.

Caro Vavá Botelho, quando você disse que o deputado Bira é um dos poucos políticos que dão a importância e a atenção que vocês merecem, tenho que dizer uma coisa não para que vocês se sintam menos importantes, mas para que a gente entenda quem é o deputado Bira Corôa Lula.

É uma coisa que eu presto muita atenção aqui nesta Assembleia, nos eventos que acontecem. Eventos que envolvem secretários da Fazenda, presidentes dos Tribunais Regionais Eleitorais, costumam ser repletos de parlamentares, de autoridades aqui, mas os eventos que envolvem direitos das minorias, questões raciais, a questão das mulheres, combate à homofobia e a arte, a cultura, são poucos que estão aqui. Mas uma presença sempre marcante aqui é a do deputado Bira Corôa. Acho importante dizer isso, secretária Arany, porque a gente precisa se identificar, se unir para fazer a boa luta.

Vejo essa homenagem ao Balé Folclórico da Bahia como mais do que uma homenagem ao balé, mas uma homenagem à arte em si e à cultura baiana (palmas). Quando a gente fala em arte, a gente não fala só em lazer, em passatempo. A arte desperta em cada um de nós, quando a gente acompanha, quando a gente assiste a um espetáculo, quando a gente lê um livro, quando a gente acompanha uma peça, um filme, abre esquemas de pensamentos novos que a educação formal não é capaz de fornecer, abre esquema de sensibilidade maior.

A arte não nos faz só mais felizes em acompanhá-la; a arte nos faz mais inteligentes. A arte nos faz mais preparados para entender os conflitos da população humana, da população da Bahia, da população humana.

Então, parabênizo o Balé Folclórico da Bahia, e digo que mais do que levar o nome da Bahia para fora, vocês fazem algo muito maior por todos nós, que é levar a cada um de nós o alto conhecimento e o orgulho de ser quem somos e ter a história que nós temos.

Então, parabéns ao Balé Folclórico da Bahia, parabéns Vavá e que venham os 300 anos.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Concedo a palavra para uma breve saudação a consulesa Heather Marques. (Palmas)

A Sr.^a HEATHER MARQUES:- Boa tarde a todos. Sou a representante do governo dos Estados Unidos na Bahia desde 1986. E nesse tempo tenho o privilégio de ter acompanhado o balé. E quando nós temos visitas ilustres, vamos dizer, da Embaixada Americana ou de Washington, eu sempre recomendo que inclua o Balé Folclórico da Bahia em sua programação, porque é a oportunidade para ter uma janela para essa cidade africana maravilhosa.

Então eu acredito que as pessoas devem achar, na Embaixada Americana, que eu sou sócia ou de alguma maneira recebo algum benefício do Balé, porque é uma recomendação constante. Mas da mesma maneira que os estrangeiros vêm para a Bahia e têm essa oportunidade de conhecer a essência, realmente, de toda a cultura forte, africana que existe, quando o Balé Folclórico faz suas turnês também é uma oportunidade para pessoas de outros países conhecerem a Bahia. Então hoje reconheço e ofereço esse tributo ao Balé Folclórico da Bahia e a todos os integrantes do balé.

Parabéns. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Concedo a palavra a representante da Fundação Balé Folclórico da Bahia, Sr.^a Lúcia Mascarenhas.

A Sr.^a LÚCIA MASCARENHAS:- Boa tarde a todos. Saúdo a Mesa. Vou ser rápida, porque Lia falou bastante e foi uma aula maravilhosa para todos nós.

É com imensa emoção e orgulho que acompanho a trajetória do Balé Folclórico da Bahia, criado em 1988, por Walson Botelho. E peço uma salva de palmas para Ninho Reis. (Palmas)

Posteriormente, com a direção artística de Zebrinha, apresenta um significativo currículo de atividades, além de possuir um considerável prestígio no Brasil e no exterior, refletido na resposta de público e da crítica especializada ao seu trabalho.

Tem uma crítica que me tocou muito, da primeira turnê do balé, de (Lê) “Anna Kisselgoff, do *The New York Times*: ‘Se alguém ainda pensa que os tons bronzeados da Garota de Ipanema representam tudo do Brasil, deveria mudar de ideia e de conceito após a estreia do Balé Folclórico da Bahia, no *New York City Center*. Exuberantes, incansáveis e virtuosos, os dançarinos, músicos e cantores desta maravilhosa companhia da Bahia explodem com os ritmos afro-brasileiros’.

O natural aprimoramento técnico-interpretativo de seus profissionais deve-se ao fato da Bahia ser a região do Brasil em que as manifestações culturais populares

são partes integrantes do dia a dia do nosso povo. O Balé Folclórico da Bahia mantém viva, sempre rejuvenescida, a tradição das expressões artísticas afro-baianas, como base de suas pesquisas, demonstrando-as através da dança, da música e de outros elementos que compõem seus magníficos espetáculos.

Parabéns, Walson Botelho, Antônio Carlos Arandiba, o Zebrinha, e todo o elenco de dançarinos, coreógrafos, músicos, cantores e técnicos do Balé Folclórico da Bahia por essa linda trajetória de muito trabalho, amor e dedicação à Dança.

Parabenizo o deputado Bira Corôa por conferir ao Balé Folclórico da Bahia o Título de Utilidade Pública Estadual.” (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Antes de passar a palavra ao próximo orador, quero convidar Walson Botelho para juntos entregarmos à Sr^a Lúcia Mascarenhas uma lembrança deste ato de hoje, quando celebramos nesta Casa os 30 anos do Balé Folclórico da Bahia. (Pausa) (Palmas)

Antes de conceder a palavra a nossa secretária Arany Santana, quero dizer da grande satisfação que tive quando fui consultado pela nobre secretária em relação a esta sessão especial. Fiquei muito motivado com a possibilidade de trazer para esta Casa uma celebração tão especial como esta do dia de hoje.

Eu não poderia deixar de dizer a todos, em especial a esta juventude aqui presente – estudantes de escolas públicas que contribuem com as suas presenças –, que há pouco mais de 30 anos garotos e garotas sonharam, acreditaram e lutaram por seus sonhos. Hoje, são 30 anos de existência, 30 anos de realizações, 30 anos de conquistas.

Então, o importante neste dia é podermos dizer que é possível para todos e todas conquistar esses espaços quando você acredita e luta. Quando se empenha e, acima de tudo, busca a cada dia a qualificação, a especialização e não se detém diante das dificuldades. Por isso, quero agradecer a essa juventude presente. A participação de uma escola pública é sempre um marco importante nas nossas atividades aqui nesta Casa, (palmas) mesmo porque eu nunca perdi de vista a minha origem, não abro mão do lugar de onde vim.

Sou nascido no Subúrbio Ferroviário, filho de um pai soldador com uma mãe doméstica, convivi e conheço por dentro as dificuldades da periferia. Vivi e ainda enfrento as discriminações. E talvez o ponto maior deste ato seja a gente criar a condição de que é possível transformar a realidade, por mais dura que ela seja.

Eu queria agradecer à secretária Arany pela confiança, porque foi em uma conversa que nós debatemos a realização deste ato, quando ela disse: “Ninguém melhor do que você. Vá fundo!” Ela nos incentivou muito a puxar esta comemoração nesta Casa dos 30 anos do Balé Folclórico da Bahia. E quero mais uma vez externar a minha gratidão, o meu respeito, o meu apreço pela cumplicidade dessa secretária, que nos representa muito bem e que agora, mais do que justo, falará em nome do governo do Estado da Bahia.

Com a palavra a secretária Arany Santana.

A Sr^a ARANY SANTANA:- Boa tarde a todos. Estou deveras emocionada.

Quero saudar a Mesa – muito obrigada, Zebra – na pessoa do proponente desta homenagem muito justa. Eu acho que neste momento, deputado, esta Casa, que é a Casa do Povo, está fazendo um ato de reparação. É a Bahia que se retrata diante de uma companhia de dança tão importante para o nosso estado. Acho que foi uma tarde de aprendizagem, principalmente, para esses jovens da escola pública. Aprendizagem para todos nós. E as falas que a gente prepara ficam sem sentido a esta altura, porque neste momento só a emoção toma conta da gente.

A narrativa de Vavá foi mais do que um semestre de aula – sei que vocês estão rindo aí atrás – para todos nós que desconhecíamos a fundo essa história. Então devo dizer que também trouxe o meu papelzinho, porque eu sabia que eu ia ficar assim.

(Lê) “A cultura é fundamental na vida das pessoas. A cultura promove vínculos, conexões das pessoas com suas histórias, com suas memórias, sua ancestralidade, com suas vivências, seus lugares, com as formas de fazer e viver.

As pessoas precisam de referências. E é esse o lugar que o Balé Folclórico da Bahia ocupa. Ele é como um farol, um norte, um marco referencial!

Vavá Botelho, Ninho Reis, que Deus o tenha, e Zebrinha. Vocês venceram o desafio de fazer dança com identidade, com o olhar voltado para o desenvolvimento social e o fortalecimento da cultura afro-brasileira.

Trabalhar a juventude através da arte, da dança, da música, do teatro, da engenharia do espetáculo, (como som, luz, cenográfica e figurino, por exemplo), foi, é e sempre será o caminho traçado pelo Balé Folclórico da Bahia.

Muitos meninos e meninas, jovens, que estiveram em situação de vulnerabilidade e tiveram oportunidade no balé, estão como estrelas em grandes companhias internacionais aí pelo mundo afora.

A companhia fez questão de promover o ser humano.

São 30 anos de luta e vitórias. 30 anos de reconhecimento massivo no exterior e em outros estados brasileiros.

Esta homenagem, deputado, feita pela Casa do Povo, neste momento, vem em um momento muito oportuno e é uma questão simplesmente de reconhecimento.”

Assim, na oportunidade, gostaria de saudá-lo, saudar o companheiro Bira Corôa, este jovem deputado tão comprometido com as questões afro-baianas, afro-brasileiras.

Gostaria de dizer que nós precisamos de muitos parceiros para a cultura aqui na Bahia. Existem projetos e iniciativas, como o Balé Folclórico da Bahia, que precisam ser entendido através de iniciativas de interesse público passíveis de apoio e de investimento. Os parlamentares precisam de um olhar mais apurado para a Cultura.

São mais de 400 bailarinos, músicos, cantores, técnicos que avançaram por esses caminhos. Deuses, inquices, boduns e orixás africanos zelem e cuidem de todos vocês! Tenham certeza de que vocês honram o legado da ancestralidade.

Assim, eu desejo vida longa, 300 anos, para o Balé Folclórico da Bahia!

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Gente, reservado este exato tempo para um momento especial. Trata-se de uma apresentação surpresa. E a gente, neste momento, concede o espaço para essa nossa apresentação surpresa.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A gente começa com emoção e ela se estende; e a gente é dominado por ela e não quer acabar.

Quero, antes de mais nada, agradecer. Agradeço a Deus, aos nossos inquices, voduns, orixás. Agradeço a todos e todas que compuseram a Mesa e me permitam não os citar nominalmente até pelo elevado do horário.

Agradeço, mais uma vez, à coragem, à disposição de jovens que, lá atrás, acreditaram ser possível chegar aos espaços até então, não posso dizer permitidos, para nós, principalmente nós, negros e oriundos da nossa história, das nossas comunidades. E o Balé Folclórico da Bahia permitiu a visibilidade ao mundo.

E, ao fazer a saudação ao Balé Folclórico da Bahia, eu digo sempre também que eu não podia deixar de destacar o Viva Bahia que aqui Viva Bahia, que aqui é muito bem ressaltado, que teve um ato de pioneirismo na condução do folclore baiano, ainda sob toda a força da discriminação, mas levou a nossa presença, o nosso cotidiano para os palcos da vida e os palcos do mundo.

Mas, eu também, secretário, não poderia encerrar esse ato de hoje sem agradecer a presença de todos e todas; agradecer, mais uma vez, a essa juventude aqui presente, importante essa participação; agradecer aos educadores; agradecer aos servidores desta Casa, sei que uma boa parte deles já até estourou o seu horário de trabalho, mas estão aqui mantendo e cumprindo, para que a gente possa realizar um ato tão importante como esse, uma sessão que deixa uma marca para todos nós, uma marca do conhecimento, da redescoberta da identidade e também do compromisso desta Casa, deste poder constituído em refazer a nossa própria história. Eu costumo dizer que o maior desafio que nós temos enfrentado nas nossas atividades é exatamente reeditar a nossa própria história, porque a história que nos foi contada nós não estávamos presentes nela, quando muito na condição de figurantes. E hoje nós retomamos o papel de protagonistas dessa história.

E aí eu quero, em nome de um trabalho tão significativo, tão importante como o conduzido pelo Balé Folclórico da Bahia, dizer que a história da Bahia é uma outra história. E o mundo conhece outra história de baianos e baianas, há 30 anos, quando Vavá descreve aqui a forma até ocasional que surge uma instituição tão importante quanto a que aqui está.

E aí eu estendo meus agradecimentos também a todos aqueles que colaboraram para essa história. Muitos no anonimato, não tiveram o nome registrado e não vão chegar a ter esse nome registrado, mas que deram contribuições importantes àqueles que chegaram ao ato de fundação.

Por fim dizer que trazer esta sessão no dia de hoje, foi até questionado por alguns: “Você está em plena campanha e vai puxar uma sessão numa quinta-feira, quando você tem que estar...”. Eu disse: “Não é o voto que move o processo de transformação, são as ações”. São ações como as do Balé Folclórico (palmas), que sem o apelo institucional e até mesmo eleitoral pôde nos dar visibilidade, respeito e dignidade no mundo inteiro.

Aqui foi citado que o Brasil, e especialmente a Bahia, ainda não reconheceu e não valorizou o Balé Folclórico da Bahia o quanto ele merece ser reconhecido e valorizado.

No relato de Vavá, a gente vê lá que países como os Estados Unidos abraçaram com muito mais respeito e valorização do que o nosso próprio o país e, conseqüentemente, que o nosso próprio estado. Então, essa é a transformação, esse é o desafio. E esse é o compromisso que nós temos que construir a partir daqui. É transformar esse instrumento como a nossa própria identidade, como o nosso próprio instrumento de valer.

Quando eu disse que venham os 300 anos à frente de comemoração, não é apenas data numérica, não é apenas o tempo cronológico, mas é simplesmente o reconhecimento, a valorização de uma instituição que tem contribuído com a identidade da Bahia e com a nossa própria afirmação.

Por fim, em nome da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, em nome dos parlamentares e dos pares que não estiveram acompanhando este ato, mas que contribuíram – porque essa data, essa sessão foi votada nesta Casa, foi aprovada por unanimidade pelos pares presentes. Então, tenho que fazer esse reconhecimento –, em nome dos servidores desta Casa, que já falei, das nossas assessorias, da comunicação desta Casa, especialmente a *TV Assembleia*, eu quero dar por encerrado este ato, dizendo que a emoção que eu iniciei, ela cresceu tanto que me perdi até mesmo no discurso final nesse processo.

E dizer, aproveitando o que minha avó sempre me ensinou: nada na vida tem valor se não tem emoção. Obrigado, acima de tudo a todos e todas que nos permitiram este ato de hoje.

(Palmas)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.